

**RETRATO DE ANNE CATHERINE LE PREUDHOMME,  
CONDESSA DE VERDUN**

ÉLISABETH LOUISE VIGÉE LE BRUN

18 MAIO – 16 SETEMBRO 2018

**FOI PROVAVELMENTE EM 1782** que Élisabeth Louise Vigée Le Brun, uma das mais interessantes pintoras francesas da segunda metade do século XVIII, realizou este retrato da sua melhor amiga, Anne Catherine Le Preudhomme, Condessa de Verdun.

A jovem condessa, com cerca de 22 anos, está representada de busto, vestida de modo informal e campestre, com uma camisa branca ampla, colete encarnado de atilhos, e xaile fino de tulle, quase transparente, que lhe cobre os ombros. Tem o cabelo empoadado, solto, e usa um chapéu de palha de abas largas, decorado com uma fita azul clara na qual se prende um pequeno ramo de flores e espigas. A naturalidade e realismo da representação, a expressão tranquila e luminosa dos olhos azuis-claros, a harmonia conseguida na utilização subtil da justaposição e associação de tons, a sensibilidade na aplicação da luz na carnação do rosto e a economia e equilíbrio da paleta cromática são alguns dos aspetos desta pintura que traduzem de modo muito expressivo o talento de Élisabeth Louise Vigée Le Brun como pintora e como retratista.

A vida e percurso artístico de Vigée Le Brun constituem um périplo invulgar e singular na arte do seu tempo. A sua obra, e sobretudo os inúmeros retratos que fez, são a narrativa de uma sociedade aristocrática num mundo em total transformação, que terá como desfecho a Revolução Francesa em 1789. Para Le Brun é o início de um exílio de 12 anos que o seu talento e capacidades intelectuais, bem como o espírito independente, resiliente e competitivo que a caracterizavam, vão transformar numa brilhante carreira internacional que passa por Bolonha, Florença, Roma, Nápoles, Berlim, Viena, Londres, Genebra, Moscovo e São Petersburgo.

Ao longo dos seus 87 anos de vida, a França e toda a Europa atravessam uma transformação política, social, económica e cultural radicais. Do Antigo Regime ao início da era industrial, a obra de Vigée Le Brun é, no entanto, pautada por uma serenidade e consistência que não deixa adivinhar a sua vida intensa e agitada, marcada por grandes turbulências não só políticas e sociais como pessoais. Na vasta galeria de retratos que realiza consegue uma síntese entre a ex-



© Coleção NOVO BANCO/Paulo Alexandrino

Élisabeth Louise Vigée Le Brun  
**Retrato de Anne Catherine  
Le Preudhomme, Condessa de Verdun**

1782

Óleo sobre tela

102 × 82 cm

Coleção NOVO BANCO

pressão natural, o instantâneo e a pose, imortalizando uma ideia de pulsar de vida tranquila que suspende as suas personagens no tempo, representando-as de um modo muito pessoal, como se existissem fora da agitação política e social do mundo que atravessam.

Élisabeth Louise Vigée nasce a 16 de abril de 1755, em Paris, filha de Jeanne Maissin e de Louis Vigée (1715-1767), conceituado pintor a óleo e pastel. É no ateliê do pai que faz a sua aprendizagem e estabelece os primeiros contactos com o meio artístico. Extremamente dotada para o desenho e pintura, aos 12 anos, após a morte do pai, frequenta uma academia onde aprofunda a técnica da pintura a óleo. Ávida de aprendizagens, estuda os grandes mestres, exercita-se na cópia das pinturas do Louvre, aconselha-se junto de artistas consagrados

como Joseph Vernet, de quem fará um belíssimo retrato em 1778. Mais tarde, nas suas «Memórias», que começa a redigir em 1825, e que são publicadas entre 1835 e 1837, recorda os conselhos de Vernet para que não seguisse nenhuma escola específica e estudasse os grandes mestres italianos e flamengos, desenvolvendo sobretudo o desenho e a pintura a partir do que via porque «a natureza é o primeiro de todos os mestres».

Pintora de reconhecido talento aos 15 anos, um dos aspetos mais interessantes do seu longo percurso artístico, e que se faz sentir muito cedo, é justamente a sua constante curiosidade pela obra de outros pintores, através da qual vai enriquecendo a sua formação, e a maneira como desenvolve e consolida uma personalidade artística muito própria, de um modo praticamente autodidata. Nos grandes mestres, como Rafael, Rubens, ou Van Dyck, encontra a audácia para tentar novos modelos, novas cores, novas técnicas de pincelada, que a vão tornar numa exímia colorista. Na viagem à Flandres, em 1782, fica profundamente impressionada com a pintura de Rubens e com a sua técnica e paleta cromática. Nos retratos realizados nos anos seguintes, e nomeadamente no seu autorretrato com chapéu de palha, inspirado no retrato que Rubens faz de Susanna Fourment, está patente essa influência, que explora e reinterpreta. Estas inúmeras fontes de inspiração serão ao longo da sua obra uma constante força de criatividade.

Embora se tenha destacado particularmente no retrato e na pintura a óleo, Élisabeth Vigée Le Brun praticou os mais diversos géneros de pintura. Realizou dezenas de paisagens, sobretudo durante as suas viagens à Suíça, pintou mitologia e alegoria, como *A Paz trazendo a Abundância*, em 1780, e apresenta na altura da sua admissão na Academia Real de Pintura. Aos 23 anos, com uma carreira consagrada, é chamada a Versalhes pela rainha Maria Antonieta, para pintar o seu retrato. São ambas da mesma idade e este encontro marca uma viragem na vida social e artística de Vigée Le Brun que passa a ser a pintora oficial da rainha e, conseqüentemente, uma das artistas mais solicitadas pela nobreza e aristocracia. Com o apoio de Maria Antonieta e de Luís XVI, é admitida na Academia Real de Pintura e Escultura em 1783, aos 28 anos, consagração máxima para um artista que passava a ter a possibilidade de expor as suas obras duas vezes por ano no «Salon» do Louvre. Quando rebenta a revolução, ligada profissionalmente e socialmente à família real e a toda uma clientela de nobres e aristocratas,

Élisabeth Vigée Le Brun sai de França e instala-se em Roma, primeira cidade de um percurso de 12 anos de viagens e de uma surpreendente produção artística. Em 1792 está na Áustria, onde fica dois anos e se impõe como pintora, sendo admirada e respeitada pelo seu talento. Em 1795, por conselho do conde Andrei Razumovsky, embaixador russo em Viena, parte para São Petersburgo. Durante seis anos, e apesar da rivalidade com pintores russos, é em São Petersburgo e Moscovo que consolida a sua carreira e a sua fortuna ao serviço da aristocracia, da qual deixa uma vasta galeria de retratos. Em 1800, graças em parte ao apoio do marido, o colecionador e comerciante de arte Jean-Baptiste Pierre Le Brun, consegue que o seu nome seja retirado da lista dos cidadãos proscritos de França e recupera a nacionalidade. Em 1803 viaja até Inglaterra, seguindo-se a Suíça em 1807 e 1808, ano em que regressa definitivamente à sua terra natal.

Élisabeth Louise Vigée Le Brun foi uma mulher do seu tempo e, simultaneamente, em avanço no seu tempo. Sem nunca desistir, vivendo num dos períodos mais conturbados da Europa setecentista, ultrapassou barreiras e preconceitos sociais que se lhe colocavam pelo simples facto de ser mulher, de ser mãe e de ser pintora. Até ao fim da vida, conseguiu que nada prejudicasse o seu talento ou a impedisse de pintar. Foi membro da Academia Real de Paris e das academias de Rouen, Avignon, Roma, Parma, Bolonha, Berlim, Genebra e São Petersburgo. O retrato de Anne Catherine Le Preudhomme nunca esteve exposto e é agora apresentado pela primeira vez. Nas suas «Memórias», Elisabeth Vigée Le Brun consagra uma página à sua «primeira e melhor amiga» de carácter alegre e bom, e considera que essa amizade é uma felicidade na sua vida. No fim do primeiro volume regista os retratos que realizou antes de deixar a França em 1789 e refere cinco retratos da condessa de Verdun, pintados em 1776, 1779, 1780 e 1782. Destes retratos, dois são muito semelhantes ao que agora se apresenta no MNAA, apenas com pequenas diferenças em pormenores como as flores e fita do chapéu. Um destes retratos está no Museu de Helsínquia (Sinebrychoff Art Museum), o outro encontra-se numa coleção particular.

Antes de chegar a Portugal, no início da década de 70 do século XX, este retrato pertenceu à coleção de pintura de Hannah Ezra Gubbay (1886-1968), Inglaterra, integrando em 1969 a Koetser Gallery, em Zurique.

ANA PAULA REBELO CORREIA